

O caminho para um cinema adolescente no Brasil

por Mateus Nagime*



Hoje eu quero voltar sozinho (de Daniel Ribeiro) é a expansão de um curta-metragem chamado *Eu não quero voltar sozinho*, sucesso em festivais e no YouTube.¹ A existência do curta-metragem certamente influenciou na reação de grande parte do público que foi aos cinemas, especialmente em suas primeiras semanas, pois já estava estabelecida uma familiaridade tanto com as personagens, quanto com as informações sobre o filme, compartilhadas em inúmeras matérias e entrevistas veiculadas na grande mídia, nos blogs e redes sociais nos meses precedentes ao lançamento.

¹ *Hoje eu quero voltar sozinho* e *Eu não quero voltar sozinho* foram escritos e dirigidos por Daniel Ribeiro e contam com o mesmo elenco principal – Guilherme Lobo, Fábio Audi e Tess Amorim. O curta percorreu o circuito de festivais brasileiro e internacional entre 2010 e 2011.

O aspecto mais interessante ao se analisar a diferença entre o curta e o longa –a parte da criação de personagens coadjuvantes e narrativas paralelas– são as pequenas atualizações que Daniel Ribeiro implementou em seu filme. Não só a duração e a ambição do filme cresceram, mas também os garotos. A história, portanto, que possuía uma inocência meio infantil no primeiro filme segue o ritmo do amadurecimento vivido pelas personagens.

A primeira cena dá o tom ao filme: acompanhamos Leonardo (Ghilherme Lobo) e Giovana (Tess Amorim) à beira de uma piscina jogando conversa fora, se preparando para um novo ano escolar. “Qual o seu nível de preguiça?”, pergunta ela, um dos primeiros diálogos que, de tão bem trabalhados, soam naturais e parecem não somente traduzir uma conversa banal adolescente, mas também introduzir ao público novos jargões.



A câmera está em uma contra plongée e a ideia de um corpo exposto que já remete a questões de sexualidade se faz presente, algo que não era problematizado no curta. Este aspecto é realçado pela fotografia de Pierre de

Kerchove expando sempre que possível a luz solar para rebater nos corpos adolescentes, uma das características de um cinema *queer* contemporâneo.

A história se aproxima de inúmeros filmes de adolescentes e primeiros romances que são realizados com especial graça nos Estados Unidos e na França. O que o filme traz de novo, narrativamente, é a inclusão de um protagonista cego que, além de passar por todos os problemas normalmente relacionados à adolescência, sofre também com as limitações da visão, além de um despertar sexual causado pela chegada do novo aluno, Gabriel (Fábio Audi), que com os cabelos cacheados e estilo inocente causa paixão não só em Leonardo, mas também em Gi e em outras meninas da escola.



Câmera nos corpos

Ao voltar para casa, Léo tira sua camisa e senta na cadeira. Não se trata de sensualizar gratuitamente a cena ou a personagem/ator, mas simplesmente mostrar através de seu corpo que já estamos diante de um adolescente, alguém com desejos. A inocência, aliada na busca por um amor, que estava

tão presente no curta e foi peça fundamental para o sucesso daquele filme, continua no longa.² Mas, aqui, aquela característica está acompanhada de um maior amadurecimento por parte dos atores/personagens.

Assim, o casaco que era o *leitmotiv* para o beijo roubado ao final do primeiro curta se transforma em um objeto para a cena mais ousada do filme quando em um *chiaroscuro* que lembra bastante Caravaggio, Leonardo veste, cheira o casaco de Gabriel e começa a se masturbar. Em um filme que tenta reunir fórmulas de filmes de adolescente e se apresentar para um grande público é um passo arriscado. A cena, que poderia ter soado falsa ou exagerada, é certa em seu tempo e funciona como mostra definitiva do desejo de Léo pelo amigo.

É interessante, também, notar como o cineasta utiliza os cantos de tela de forma muito pertinente, sempre colocando personagens que estão próximas da borda do quadro e inquietas, tentando quebrar estruturas previamente impostas. A montagem é tão envolvente que, nesta caminhada pelos sentimentos meio estranhos que Léo vai sentindo, é fácil se perder e não perceber o processo pelo qual Gabriel também passa durante o filme.

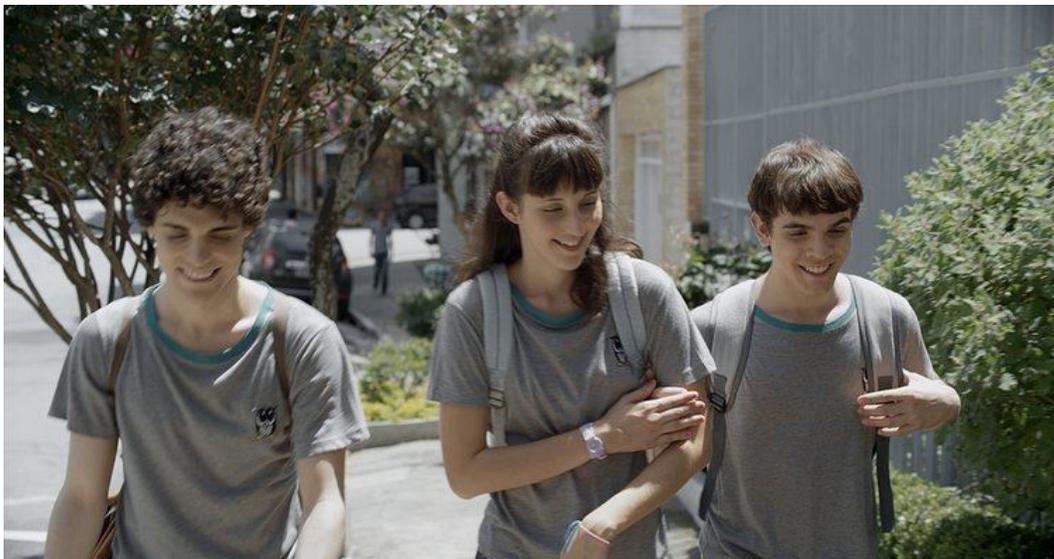
O corpo também vira uma arma de Ribeiro para trabalhar os diferentes pontos de vista entre as personagens principais, Léo e Gabriel. Numa cena em que Léo caminha apenas para encontrar Gabriel e uma amiga brincando na piscina, a câmera fica grudada no corpo de Léo. A princípio é um mecanismo para blindar a visão do espectador da cena que se passa, criando efetivamente um ponto de escuta de Léo. Mas ela funciona igualmente como um ponto de vista de Gabriel, que estaria mais interessado em observar o amigo do que a menina ao seu lado. O mesmo acontece na cena do vestiário em que a câmera obviamente assume o ponto de vista de Gabriel em alguns planos, percorrendo

² Daniel Ribeiro, em entrevistas, apontou que este foi um aspecto importante na identificação do público com o filme e, portanto, ele decidiu mantê-lo como norte do longa.

o espaço em busca da exploração visual que este faz do corpo do outro menino.

O filme fácil, fofo e simples que parece ser *Hoje eu quero voltar sozinho*, graças a uma direção controlada e certa de Daniel Ribeiro e a edição muito envolvente de Cristian Chinen, esconde uma articulada estrutura que ganha um fôlego extra em alguns detalhes de decupagem, que revelam uma criação muito interessante nas duas personagens aparentemente coadjuvantes: Gi e, especialmente, Gabriel.

Como espectadores imersos em um filme bem realizado e bem amarrado, é muito mais natural nos relacionarmos com a personagem de Leonardo, um menino cego tentando encontrar o seu próprio caminho, em meio a *bullyings* e a uma superproteção tanto dos pais (Lúcia Romano e Eucir de Souza) quanto da melhor amiga, Giovana. Este fato intensifica ainda mais a criação do cineasta e de Fábio Audi na personagem que poderia ser um mero objeto de desejo, mas acaba igualmente protagonizando a trama.



Testemunhamos este trabalho de direção em alguns momentos: quando Gabriel convida Léo para um eclipse, que naturalmente não será visto por ele e portanto também não pelo espectador, podendo muito bem nem existir, sendo apenas um pretexto para Gabriel passar algumas horas de madrugada ao lado de seu “objeto de desejo”; acontece também quando a câmera se aproxima da boca de Gabriel quando este pede uma borracha em sala de aula ou explica a trama de um filme no cinema.



Gabriel parece estar deliberadamente tentando seduzir o colega, não por atrativos visuais e, sim, ao falar baixinho em seu ouvido. O que poderia passar despercebido como uma mera estratégia narrativa, os momentos em que ele parece esquecer a cegueira do amigo viram ferramentas interessantes para entender uma personagem que ativamente participa das ações e não é uma mera escada de Léo. É ele quem deseja, quem vai atrás do amigo e tenta o libertar da zona de conforto, movimentando a trama. A atenção do rapaz cego é despertada visualmente através da audição e do tato e a câmera acompanha estes momentos ao colar no ouvido e no rosto de Léo, respectivamente, na cena em que Gabriel chega em sala de aula ou na sala de cinema –planos ponto de escuta de Léo– e quando Gabriel explica o eclipse passando a mão no rosto do amigo.

Um cinema político

O roteiro de Ribeiro cria um diálogo com o público adolescente ao engendrar um ambiente natural na escola. As panelinhas existem, mas não são fechadas. As relações não são fixas e estão em constante mutação, seja entre os protagonistas ou entre todos os alunos. As personagens ficam bêbadas, viram noites em festas, brigam, fazem coisas das quais se arrependem. Não existem vilões ou heróis. Se realmente elas não confrontam um mundo exterior hostil a elas, também não são meros peões para uma fábula moralista e fofa.

Outra maneira bem sucedida do filme em cativar a audiência se dá através de sua trilha sonora, com músicas bem selecionadas do estilo *indie pop*, que pontuam momentos importantes da trama, de The National a David Bowie, passando por Cícero. O grande destaque fica por conta da utilização diegética de *There's too much love*, de Belle & Sebastian, como música-tema da dupla – uma canção escolhida a dedo por sua letra e seu estilo chiclete que continua ecoando após a sessão.

Apesar da sexualidade não ser muito comentada no filme –mesmo que não seja evitada– e o longa ter sido acusado justamente de fugir do assunto, este debate está presente pelo filme e não só através do *bullying*. A forma como os três familiares de Léo discutem certos assuntos com o adolescente deixa margem a interpretações: o olhar que a avó dá quando o neto comenta da chegada do amigo à casa dela, a tocante cena no banheiro quando o pai pede para que o filho não embarque em um intercâmbio pelos motivos errados e quando a mãe comenta do futuro de Léo e de possíveis filhos deste.

O filme possui alguns momentos de excesso, mas nada que chegue a ser fatal: a resolução de Giovana com a chegada de um novo menino parece uma concessão a um modelo de trama que precisa dar um final feliz a todas as personagens; o modelo de novelas brasileiras e filmes hollywoodianos.

Se, de fato, o drama relacionado à homossexualidade de Léo não é tratado de uma forma exagerada, ele certamente não é suavizado, já que a segunda metade do filme é centrada na tentativa dos dois protagonistas em aceitarem seus desejos sexuais e emotivos.



Algo muito esclarecedor desta tática é que o filme quer servir de uma mensagem e de um veículo para adolescentes gays (ou sexualmente confusos). Não se trata de um filme panfletário, em que possa cansar ou mesmo afastar alguns espectadores. A tática é conquistar o público pela narrativa e pelo carinho com que todas as personagens são tratadas.

Mesmo que o filme não se restrinja a um público gay, Ribeiro tem consciência plena do impacto que este filme pode causar para esta parcela do público. Seu longa fala sobre sentimentos juvenis, um momento de amadurecimento e conquista do mundo, mas ele percebe a força especial que tem isso para uma parte do público que ainda hoje precisa de ideais e modelos não exatamente para seguir ou se inspirar, mas para auxiliar no processo de se fazer visto e aceito na sociedade. Portanto, justamente por não ser um filme panfletário do movimento gay ele se torna altamente político, pela sua facilidade em acessar

um vasto público a partir de um romance que opta pela universalidade de emoções e sentimentos.

Toda esta *mise en scène* cuidadosamente elaborada por Ribeiro não seria o bastante se não fosse o maravilhoso trabalho dos atores em encarnar de forma bem natural as personagens. O grau de identificação dos atores com as personagens em relação ao público nas redes sociais e nos eventos do filme ganhou tons que no Brasil somente vemos em interpretações televisivas ou de exceção –como o Capitão Nascimento de Wagner Moura em *Tropa de Elite*. Tess Amorim se destaca como a melhor amiga, em uma interpretação minimalista e como uma personagem que poderia virar apenas uma pedra para o desenvolvimento do casal, mas que consegue criar momentos bem fortes, especialmente durante as duas sequências de festas.

Ghilherme Lobo certamente possui o papel de maior destaque, seja pelo protagonismo ou ainda pela característica física –o desafio de interpretar alguém cego–, mas consegue criar no que poderia ser uma mera caricatura uma personagem real, muito física e inquieta, tentando se livrar de todas as amarras que o tentam impor. Como já foi dito, Audi também percebeu que teria que moldar uma personagem cuja criação era mais trabalhada nos detalhes – como o olhar no vestiário–, que certamente ficarão mais visíveis e apreciadas numa revisão, mesmo que ainda assim se permita realizar algumas explosões incríveis, como a cena da bicicleta na virada do filme.

É a partir deste trio de atores jovens e de uma direção leve mas muito segura de Daniel Ribeiro que o filme se sustenta e consegue navegar tranquilamente e com incrível força os desafios de se realizar um filme adolescente e político no Brasil.

* Mateus Nagime é mestrando em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É também secretário-geral da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual (ABPA). E-mail: mateusnagime@gmail.com